

Metais Não Ferrosos

Este informe aborda o mercado brasileiro dos principais metais não ferrosos, exceto os preciosos, incluindo, portanto, alumínio, chumbo, cobre, estanho, níquel e zinco. Destes produtos, o Brasil é exportador líquido de alumínio, metal que registra grande saldo comercial, e de estanho. Deixou de produzir chumbo desde 1995 e importa cerca de 80% do concentrado necessário à produção de cobre. No caso do níquel e do zinco verificaram-se importações superiores às exportações no período 1995/96, sendo que, para o níquel, os novos projetos em implantação indicam a possibilidade de superávit comercial desse produto nos próximos anos, enquanto para o zinco estima-se déficit crescente até o ano 2.000.

Alumínio

A produção de alumínio compreende três etapas: bauxita, alumina e alumínio primário.

Com relação à bauxita, o Brasil, que possui a terceira maior reserva mundial (3,9 bilhões de t) deste minério, é o quarto produtor, com cerca de 10,8 milhões t, em 1996, sendo aproximadamente 50% para exportação.

A partir de 1996, com a ampliação da Alunorte, a produção brasileira de alumina já atende à produção interna de alumínio.

A produção brasileira de alumínio primário apresentou pequeno crescimento no período 1993/96, com taxa acumulada de apenas 2%, enquanto a secundária evoluiu 88%.

Brasil - Produção X Consumo de Alumínio

Mil t

Discriminação	1993	1994	1995	1996
Produção Primária	1.172	1.185	1.188	1197
Produção Secundária	76	90	114	143
(+) Importações	34	56	96	86
(-) Exportações	880	880	799	806
Consumo Aparente	402	451	599	620
Preço Médio das Exp. (US\$/t)	1.197	1.415	1.881	1.550

Fonte: DNPM e BNDES

O consumo aparente brasileiro de alumínio apresentou crescimento de 15% a . a . no período 1993/96, ocasionando redução nas exportações deste produto. Para os próximos anos espera-se que o consumo interno cresça a taxas menores, estimadas em 5% a . a ., o que irá elevar o consumo aparente para cerca de 750 mil t no ano 2000.

A evolução do preço médio das exportações brasileiras de alumínio, que acompanha as cotações da LME, mostra que, após grande recuperação ocorrida no período 1993/95, em 1996, o preço médio recuou para US\$ 1.550/t, prevendo-se, entretanto, recuperação deste até o ano 2000, atingindo cerca de US\$ 1.900/t.

Chumbo

As minas brasileiras de chumbo apresentam volume reduzido e baixo teor (média de 1,8% de Pb), razão pela qual a produção nacional deste metal apresenta custo elevado. Essas circunstâncias e as baixas cotações do metal no mercado internacional levaram as empresas Mineração São Braz e Plumbum a deixar de produzir concentrado a partir de 1995.

Atualmente, com a desativação completa da Plumbum, empresa do Grupo Trevo, o Brasil continua importando grande parte do chumbo

consumido na indústria, sendo os fabricantes de baterias os maiores consumidores.

Brasil - Produção X Consumo de Chumbo

Discriminação	Mil t			
	1993	1994	1995	1996
Produção Primária*	28	15	12	13
Produção Secundária	47	3	3	3
(+) Importação	59	49	48	38
(-) Exportação	1	-	3	1
Consumo Aparente	133	67	60	53

Fonte: DNPM e BNDES

* Produzida com quase a totalidade de concentrado importado até 1994. A partir de 1995, o concentrado é totalmente importado.

As importações brasileiras de chumbo representaram dispêndios da ordem de US\$ 29,8 milhões em 1996, apresentando decréscimo de 13%, em relação ao ano anterior. O preço internacional LME deste metal está na faixa de US\$ 640/t e apresentou-se declinante nos últimos anos. No Brasil, o preço internado foi da ordem de US\$ 762/t, ou seja, 19% superior ao da LME.

Cobre

A produção de cobre ocorre basicamente em duas etapas, produção de concentrado e metalurgia do cobre.

A produção brasileira de cobre contido em concentrado, da ordem de 46 mil t em 1996, representa apenas cerca de 0,5% da produção mundial e atende somente cerca de 23% das necessidades de concentrado da Caraíba Metais, única produtora brasileira de cobre primário, cuja produção atingiu cerca de 180 mil t em 1996.

Brasil - Produção X Consumo de Cobre

Discriminação	Mil t			
	1993	1994	1995	1996
Produção: Concentrado	43	40	49	46
Metal	161	170	175	180
(+) Importação: Concentrado	126	130	125	138
Metal	94	101	107	110
(-) Exportação: Metal	97	65	58	50
Consumo Aparente: Concentrado	169	170	174	184
Metal	158	206	224	240

Fonte: DNPM e BNDES

Verifica-se que o crescimento do consumo interno de cobre evoluiu à taxa de 15% a .a . no período 1993/96 e vem requerendo volume crescente de importações tanto de cobre (primário + secundário) como de concentrado, atingindo em termos líquidos 198 mil t em 1996.

Para atender a essa demanda, existem dois projetos - o da Mineração Santa Elina para produção de 60 mil t/ano de cobre e o Projeto Salobo da Vale com a Anglo American e o BNDES para 200 mil t/ano, ambos associados à produção de ouro, e que se encontram em fase de estudos de viabilidade técnico-econômica para serem implantados.

Como a implantação de projetos de mineração de cobre demanda grandes investimentos e um prazo de maturação de cerca de três anos, o Brasil, até o ano 2.000, continuará importando quantidades crescentes de cobre, metal e concentrado, para atender o mercado interno.

Estanho

O Brasil é o quarto produtor mundial de estanho com 20.400 t de metal contido em 1996, respondendo por cerca de 10% da produção mundial. Na produção deste metal o país vem perdendo importância devido à forte concorrência da Indonésia, atualmente o maior produtor mundial, do Peru e da Bolívia, grandes produtores da América Latina.

Brasil - Produção X Consumo de Estanho

Discriminação	t			
	1993	1994	1995	1996
Produção Metal	27.700	23.441	16.131	18.415
(+) Importação	-	2	75	74
(-) Exportação	22.000	17.643	10.190	12.289
Consumo Aparente	5.700	5.800	6.300	6.200
Preço das Exportações (US\$/t)	4.820	4.965	5.700	5.533

Fonte: DNPM e BNDES

A maior parte da produção brasileira destina-se à exportação e provém da mina de Pitinga de propriedade da

111844010

INFORME SETORIAL DA GERENCIA SET
 U 0000 N 0011 - 06/97

 111844010

 AP/COPE

Parapanema, responsável por cerca de 60% da produção nacional.

O preço médio das exportações brasileiras de estanho, que acompanhou o mercado internacional da LME com uma diferença de cerca de 8%, apresentou recuperação até 1995 e pequeno declínio em 1996.

Embora o Brasil continue sendo um dos maiores produtores mundiais de estanho, a contribuição deste metal para o saldo da balança comercial minero-metalúrgica vem se reduzindo significativamente, passando de cerca de US\$ 106 milhões, em 1993, para US\$ 61,3 milhões em 1996.

Níquel

As reservas brasileiras de níquel, da ordem de 6 milhões de t, representam cerca de 5,2% das reservas mundiais de 116 milhões de t. A produção brasileira, entretanto, foi de cerca de 17,7 mil t de níquel contido em 1996, representando apenas 2% da produção mundial de 910 mil t.

Os produtores brasileiros são: a CNT - Cia. Níquel Tocantins (Grupo Votorantim), que produz níquel eletrolítico, a Codemin e a Morro do Níquel (Grupo Anglo American), que produzem níquel contido em ferro níquel.

Embora a capacidade de produção seja suficiente para atender o mercado interno, verifica-se grande fluxo comercial com exportação de níquel nas duas formas citadas e importações do eletrolítico, principalmente por grandes consumidores industriais (siderúrgicas que produzem aços especiais à base de níquel e inoxidáveis).

Brasil - Produção X Consumo de Níquel

Mil t

Discriminação	1993	1994	1995	1996
Produção:				
Ni eletrolítico	7,0	7,8	8,0	9,1
Ni contido em FeNi	8,7	8,8	8,5	8,6
(+) Importação	5,2	6,9	8,3	9,6
(-) Exportação	8,6	8,4	8,6	9,9
Consumo Aparente	12,3	15,1	16,2	17,4

Fonte: DNPM e BNDES

Até 1994, o valor das exportações brasileiras superou o das importações, gerando saldo comercial positivo. O consumo interno, que cresceu cerca de 12% a.a., no período 1993/96 entretanto contribuiu para a significativa ampliação das importações, cujo valor cresceu cerca de 150%, no mesmo período, levando o saldo comercial de US\$ 14 milhões de superávit para o déficit de US\$ 9,7 milhões.

Brasil - Exportação X Importação de Níquel*

US\$ milhões

Discriminação	1993	1994	1995	1996
Exportação	48,5	51,8	66,4	76,4
Importação	34,5	43,0	75,8	86,1
Saldo	14,0	8,8	(9,4)	(9,7)

Fonte: DNPM e BNDES

*Inclui níquel eletrolítico, contido em FeNi e compostos.

A expansão da produção brasileira de níquel depende da melhoria dos preços internacionais

Os preços do níquel seguem as cotações internacionais da LME, sendo que as diferenças entre os preços de exportação e importação são devidas, basicamente, aos custos de frete e portuários.

A melhoria dos preços internacionais do níquel, que até 1994 se apresentavam muito deprimidos, e o crescente potencial de demanda interna, contribuíram para o desenvolvimento de dois projetos: ampliação da CNT - a capacidade passará para cerca de 15.000 t/ano de níquel eletrolítico - e a Mineração Serra de Fortaleza, do grupo RTZ - cujo projeto prevê a produção de 10.000 t/ano de níquel eletrolítico, em Fortaleza de Minas - MG.

Zinco

A produção de zinco é feita em duas etapas, concentrado e metal. A produção brasileira de concentrado não é suficiente para atender a produção do metal, havendo necessidade de importação.

A produção de zinco metálico no país ficou restrita às empresas Cia Mineira de Metais e Cia Paraíbuna de Metais, após a desativação da Cia Mercantil e Industrial

Ingá em meados de 1996. A produção, contudo, permaneceu estável, devido ao acréscimo de 50 mil t/ano na capacidade de produção da Cia Mineira de Metais, a partir de junho de 1996.

Brasil - Produção X Consumo de Zinco

Mil t

Discriminação	1993	1994	1995	1996
Produção: Concentrado	138	140	144	80
Metal	183	198	197	196
(+) Importação: Concentrado	62	113	131	213
Metal	13	13	41	17
(-) Exportação: Concentrado	-	6	-	-
Metal	65	60	53	54
Consumo Aparente: Concentrado	200	247	275	293
Metal	131	151	185	159

Fonte: DNPM, WMS e BNDES

Dados preliminares mostram que o consumo aparente de zinco, crescente no período 1993/95, apresentou queda de 14% em 1996, em relação ao ano anterior.

O comportamento do comércio externo brasileiro de zinco, apresentado a seguir, mostra a manutenção de saldo negativo no período 1995/96.

Brasil - Exportação X Importação de Zinco

US\$ milhões

Discriminação	1993	1994	1995	1996
Exportação (metal)	68,7	58,1	54,1	52,4
Importação (conc. + metal)	47,5	43,7	91,4	79,9
Saldo	21,2	14,4	(37,3)	(27,5)

Fonte: DNPM e BNDES

Conclusão

Observa-se que a contribuição destes seis metais para a Balança Comercial Brasileira apresentou redução de 44%, no período 1993/96, devido ao crescimento do consumo interno.

Destacam-se os dispêndios com importação de cobre, cuja produção brasileira depende quase totalmente de concentrado importado, requerendo ainda importação do metal para o atendimento da demanda interna.

A perspectiva de mudança neste quadro até o ano 2000 refere-se ao aumento das exportações de alumínio em decorrência de expansões previstas na CBA e Alumar, acompanhado de melhoria dos preços internacionais deste metal.

Saldos da Balança Comercial - 1993/2000.

US\$ milhões

Metal*	1993	1996	2000
Alumínio	1.008	1.141	1.774
Chumbo	(32)	(30)	(30)
Cobre	(9)	(519)	(519)
Estanho	106	61	45
Níquel	14	(10)	54
Zinco	21	(28)	(50)
TOTAL	1.108	615	1.274

Fonte: DNPM e BNDES.

*inclui minério, metal e compostos

A seguir apresenta-se, a título ilustrativo, um resumo do desempenho da Balança Comercial do setor mineiro-metalúrgico em 1996, incluindo-se os energéticos.

Setor Mineiro-Metalúrgico - 1996

US\$ Milhões

Discriminação	Exportação	Importação	Saldo
TOTAL	11.341,4	10.704,6	636,8
Energéticos	425,6	6.897,3	(6.471,7)
Minério de Ferro e Siderúrgicos	6.928,2	671,2	6.257,0
Não Ferrosos	3.987,6	3.136,1	851,5

Fonte: DNPM e BNDES.

Observa-se que o saldo comercial brasileiro do setor mineiro-metalúrgico é muito dependente das exportações dos complexos de minério de ferro e siderúrgico e do de alumínio, que apresentaram saldos de US\$ 6,3 bilhões e US\$ 1,1 bilhão, respectivamente, totalizando US\$ 7,4 bilhões, em 1996.

Ficha Técnica:

Maria Lúcia Amarante de Andrade
Gerente Setorial

José Ricardo Martins Vieira - Engenheiro

Luiz Mauricio da Silva Cunha - Economista

Maria da Conceição Keller - Economista

Renata Strubell Fulda - Estagiária

Editoração: Helena Yumi Kanemaru